



Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo¹

Carlos Eduardo Franciscato²
Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Este trabalho destina-se a discutir as bases metodológicas para formular uma proposta de pesquisa aplicada em jornalismo. Para isso, o texto executa uma reflexão inicial sobre as relações entre pesquisa descritiva e experimental e suas contribuições para os estudos sobre jornalismo. A partir destes questionamentos, busca-se a proposição de um modelo preliminar de pesquisa aplicada em jornalismo, discutindo suas vantagens e limitações.

Palavras-chave

Teorias do Jornalismo; Pesquisa aplicada; Metodologia Científica; Pesquisa Experimental; Ciências Sociais Aplicadas.

1. Introdução

Como parte das teorias de comunicação, os estudos de jornalismo têm acompanhado os debates e desenvolvimentos das ciências humanas nos últimos cem anos, recorrendo também a seus pressupostos e metodologias e enfrentando, de forma semelhante, suas grandes polêmicas. Em outras palavras, as pesquisas em jornalismo têm estado à mercê de um conjunto de problemas, dilemas e impasses que estas ciências enfrentam.

Se por um lado esta semelhança e vinculação são necessárias para inserir estas pesquisas em uma tradição de pensamento acadêmico, por outro lado tem também gerado dificuldades nos avanços que o jornalismo, como campo específico de saberes, necessita alcançar para qualificar teórica e instrumentalmente sua atividade. Uma das dificuldades reside na insuficiência de formulação de um consistente aparato conceitual próprio que possa explicar a atividade. Em vez disso, pesquisas em jornalismo têm sofrido uma tendência a conduzir suas discussões para o interior de disciplinas humanísticas fundadoras de quadros conceituais. Tal movimento redundante, pela própria natureza de rigor disciplinar da tradição, em uma exigência de o pesquisador em jornalismo dar conta dos problemas (epistemológicos inclusive) destas disciplinas, e tal

¹ Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste.

² Professor da Universidade Federal de Sergipe. Jornalista. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. E-mail: carlosfr@infonet.com.br.



enfrentamento lhe faz tirar o foco principal sobre as questões conceituais específicas do jornalismo.

Um segundo nível de argumentos sobre os desafios das pesquisas contemporâneas em jornalismo direciona-se para questionar se a vinculação disciplinar mais adequada para a área de jornalismo seria o campo das ciências sociais aplicadas, em vez de se localizar no das ciências humanas, *locus* de onde surge a maioria dos estudos comunicacionais e, também, de jornalismo (Meditich 2004; Machado, 2004, 2005). Como defesa inicial desta tese está um argumento institucional: em sua divisão das áreas de conhecimento, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) insere a área de comunicação (e, em decorrência, a de jornalismo) no campo das Ciências Sociais Aplicadas.

Entretanto, o principal argumento em favor desta tese é qualitativo: o jornalismo é uma atividade social prática³ que necessita da pesquisa aplicada para o seu desenvolvimento. A atividade jornalística é um *corpus* de conhecimentos e procedimentos individuais, coletivos e organizacionais que exigem um contínuo aperfeiçoamento tanto para corresponder às exigências sociais quanto para dar conta das transformações sociais no campo da tecnologia, economia, política e cultura, bem como estimulam a busca de inovações de processos e produtos jornalísticos.

Há, aqui, um importante ponto de convergência entre o setor acadêmico e o produtivo, com possibilidade de produção de conhecimento (objetivo maior da academia) que tenha fins aplicados (interesses das organizações produtivas, como as indústrias da mídia). Meditsch (2004, p. 99) considera que a indústria jornalística brasileira vem, nos últimos anos, buscando apoio das universidades para a solução de seus problemas, sem encontrar interlocutor interessado ou capacitado para esta parceria.

Machado considera que a hesitação dos pesquisadores em jornalismo em optar por realizar pesquisa social aplicada (preferindo localizar-se no campo das ciências humanas) tem gerado, na área, uma incapacidade em desenvolver metodologias próprias de pesquisa e, em consequência, dificuldades em se constituir como um campo de conhecimento:

³ Aplicamos a compreensão de que o jornalismo é uma atividade social prática no sentido de tratarmos preferencialmente do conjunto das práticas (habilidades e técnicas) executadas pelos jornalistas e das normas, valores e conhecimentos que conformam, dão discernimento e orientam esta prática. Os jornalistas integram o corpo coletivo que compõe a instituição jornalística, mas são eles também que fazem a atividade jornalística ser um corpo de saberes dinâmico, que é recriado diariamente em sua produção, mesmo que condicionado por estruturas e recursos de produção e por normas e valores internalizados (Franciscato, 2005).



Ao defendermos a prioridade para a pesquisa aplicada nada mais queremos que, com mais de dois séculos de atraso, o circuito da produção de conhecimento seja completado no campo do jornalismo. Com o estímulo à pesquisa aplicada haveria a possibilidade para a pesquisa auto-reflexiva, - a que determina o nível de amadurecimento do próprio campo - e que permitiria a cobertura de uma lacuna que provoca muitos prejuízos ao processo de formação: o desenvolvimento de métodos de pesquisa e metodologias de ensino no campo do jornalismo. (Machado, 2005)

O objetivo deste *paper* é apresentar algumas referências teóricas e metodológicas que contribuam para uma compreensão sobre os tipos de pesquisa mais adequados ao campo do jornalismo. Em particular, o texto procura levantar algumas bases conceituais que possam tornar sustentável e operacional a concepção de que a pesquisa aplicada é um tipo de investigação científica apropriado para a área, estabelecendo um diálogo entre pesquisa descritiva e experimental, bem como apresentando áreas temáticas em que a pesquisa aplicada em jornalismo seja mais fecunda, além de propor um modelo inicial deste tipo de pesquisa.

O argumento deste texto tem dois momentos. No primeiro, buscaremos uma breve discussão sobre os desafios da pesquisa em jornalismo, sua relação com pesquisas desenvolvidas nas ciências sociais e humanas e sua classificação institucional como ciência social aplicada. O texto traz, então, a hipótese de que a adoção de uma metodologia de ciência (ou disciplina) aplicada significa aproximar-se de um modelo de pesquisa experimental e discute as vantagens e desvantagens desta aproximação.

Em segundo lugar, apresentamos uma proposta preliminar de um mapeamento de áreas de pesquisa aplicada em jornalismo, bem como esboçamos um roteiro de construção de pesquisa aplicada na área. Neste caso, trabalhamos com uma segunda hipótese, de que a pesquisa aplicada em jornalismo é uma área de pesquisa cuja fundamentação baseia-se nas teorias clássicas das ciências sociais e humanas. O desafio para os pesquisadores em jornalismo é considerar as especificidades deste objeto e estabelecer uma metodologia que possibilite esta interlocução entre áreas de conhecimento.

2. A pesquisa descritiva e experimental

A hipótese inicial deste *paper* é a de que a pesquisa aplicada em jornalismo pode ser melhor caracterizada com uma aproximação aos métodos lógicos e técnicos da pesquisa experimental. Em linhas gerais, a pesquisa aplicada é definida “por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente,



na solução de problemas que ocorrem na realidade” (Marconi e Lakatos, 2002, p. 20).
Conforme Santaella,

A motivação principal das pesquisas aplicadas, por seu lado, está na contribuição para resolver um problema. Para tal, ela aplicará conhecimentos já disponíveis, mas das aplicações podem resultar não apenas a resolução do problema que a motivou, mas também a ampliação da compreensão que se tem do problema, ou ainda a sugestão de novas questões a serem investigadas (Santaella, 2001, p. 140)

Ao indicar o método experimental como procedimento de pesquisa aplicada, não é nossa intenção afirmar ser somente este o caminho da investigação em jornalismo. Entendemos que a pesquisa aplicada em jornalismo exige um esforço de construção metodológica ainda por ser feito, e as premissas da pesquisa experimental podem colaborar para esta consolidação.

Ao mencionarmos as possíveis contribuições dos métodos lógicos e técnicos de investigação experimental para a delimitação de um modelo de pesquisa aplicada, estamos executando uma distinção entre; a) um método lógico, referindo-se ao âmbito da interpretação da realidade; b) um método técnico de investigação, considerando este “as manipulações analíticas através das quais o investigador procura assegurar para si condições vantajosas de observação dos fenômenos” (Fernandes, 1972, p. 13). Lakatos e Marconi (1992) e Gil (1999) destacam dois níveis metodológicos: os métodos de abordagem, em que são apresentados os princípios lógicos de uma pesquisa (método dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico); e os métodos de procedimento, em que são explicitadas as opções de trabalho do pesquisador conforme o problema e o objeto de pesquisa. Neste, encontram-se o método histórico, estatístico, comparativo, tipológico, etnográfico, experimental, entre outros.

É a partir destes métodos que são desdobrados vários tipos de pesquisa. Marconi e Lakatos (2002) apresentam classificações e divisões elaboradas por diferentes autores, conforme as circunstâncias de cada pesquisa, não sendo excludentes entre si. Destas, interessa-nos neste momento a classificação entre pesquisa descritiva e experimental.

A separação entre estes dois tipos de pesquisa baseia-se em referenciais teóricos diferenciados. Na pesquisa descritiva, o pesquisador procura “*conhecer e interpretar a realidade, sem nela interferir* para modificá-la”, isto é, “está interessado em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”, com o



objetivo de conhecer “a natureza do fenômeno, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam” (Rudio, 1986, p. 55-57).

As pesquisas descritivas de ordem quantitativa baseiam-se na quantificação como “única via de assegurar a validade de uma generalização, pressupondo um modelo único de investigação, derivado das ciências naturais” (Chizzotti, 2003, p. 222). Por isso, a indução é o método lógico utilizado para a formulação de leis, a partir de verificações objetivas, com base em frequências estatísticas.

As pesquisas descritivas qualitativas assumem “multiparadigmas de análise”, derivados do positivismo, do estruturalismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo (Chizzotti, 2003, p. 221). Dentre os tipos mais comuns de pesquisa qualitativa estão a etnografia, a pesquisa participante e a pesquisa-ação, e os métodos procedimentais técnicos de investigação mais comuns são a entrevista, análise de discurso, estudo de caso e observação participante (Chizzotti, 2003, p. 221).

A pesquisa experimental, por sua vez, origina-se historicamente de um referencial positivista das ciências da natureza. Nesta, o pesquisador “*manipula deliberadamente* algum aspecto da realidade, dentro de condições anteriormente definidas, a fim de observar se produz certos efeitos”. Para isso, há uma preocupação fundamental em estabelecer uma relação de causalidade entre variáveis, o que exige uma situação de “controle rigoroso, procurando evitar que, nela, estejam presentes influências alheias à verificação que se deseja fazer” (Rudio, 1986, p. 55-57)

É compreensível que, com tal definição, a pesquisa experimental tenha pouca penetração no campo das ciências sociais e humanas, pois a analogia a experimentos laboratoriais isolados parece pouco adequada para investigar os complexos processos sociais e culturais. A crítica ao experimentalismo parte de pesquisadores qualitativos que defendem haver uma “relação dinâmica, uma interdependência entre o mundo real, o objeto da pesquisa e a subjetividade do sujeito” (Santaella, 2001, p. 143). Contra os experimentalistas, argumentam que o objeto não é dado, mas construído no processo da pesquisa, e o sujeito interfere na construção significativa deste objeto. Há, como pano de fundo, uma crítica tanto aos métodos procedimentais de investigação quanto aos modos e possibilidades científicas de o pesquisador conhecer a realidade:

Essas críticas expuseram os limites da pesquisa experimental, quantitativa, denunciaram a pretensa neutralidade científica, os vínculos do conhecimento científico com as estruturas sociais, os mecanismos de reprodução social, as filigranas da luta de classe, e o



engodo de se admitir, a pretexto da unidade da ciência, um único padrão de conhecimento sob o império exclusivo do pensamento positivista. (Chizzotti, 2000, p. 32)

A pesquisa experimental se utiliza, também, de uma outra ferramenta pouco aceita por pesquisadores qualitativos, o experimento laboratorial. “O *experimento* é uma situação, criada em laboratório, com a finalidade de observar, sob controle, a relação que existe entre fenômenos (...) Estes esforços são concretizados na forma de procedimentos, que visam *isolar* a observação, de fatores ou influências capazes de nela intervir, falseando-a” (Rudio, 1986, p. 60). O experimento pode estar fora do ambiente laboratorial, contanto que haja uma interferência do pesquisador em um aspecto da realidade e sejam desenvolvidas técnicas rigorosas de controle sobre as variáveis, a fim de observar as relações de causalidade entre elas.

3. Roteiro preliminar para uma pesquisa aplicada em jornalismo

Este *paper* baseia-se em uma segunda hipótese, de que a pesquisa aplicada em jornalismo é uma área de pesquisa cuja fundamentação localiza-se nas teorias clássicas das ciências sociais e humanas. Isto significa que construir um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo não nos conduz à rejeição das teorias sobre a sociedade e a comunicação construídas na tradição do pensamento social. É a partir deles que pretendemos formular um modelo (ou mesmo apontar para mais de um modelo) de pesquisa aplicada em jornalismo. O esforço será no sentido de construir uma nova metodologia de pesquisa, esta sim específica à pesquisa aplicada.

É oportuno esclarecer que o desenvolvimento de novos processos, produtos e tecnologias para o jornalismo não é, em si, um campo teórico autônomo. A especificidade está na construção metodológica necessária a este tipo de pesquisa. Mais propriamente, os contornos disciplinares do campo do jornalismo decorrerão de um conjunto: a) da especificidade de atividade jornalística, suas práticas e normas e de sua constituição como objeto científico; b) dos fundamentos conceituais que delimitam e orientam esta atividade; c) de uma metodologia de construção de saber no interior deste campo.

O esforço é, então, sistematizar e construir um modelo que apresente capacidade de articular fundamentações teóricas a aplicações práticas no jornalismo, possibilitando diálogo interdisciplinar no interior das ciências humanas e destas com as aplicadas, introduzindo, se possível, as engenharias e ciências da computação como disciplinas de



base tecnológica. Neste caso, quando nos referimos à tecnologia estamos tratando de um fenômeno que é estruturante da atividade jornalística, seja no seu aspecto da prática da atividade quanto na compreensão teórica da própria atividade. A tecnologia deve ser, então, percebida em uma perspectiva *transversal* aos demais campos do conhecimento.

3.1 Áreas de pesquisa aplicada em jornalismo

Apresentamos, a seguir, uma tipologia preliminar das principais áreas de pesquisa aplicada em jornalismo. É uma sistematização provisória destinada apenas a visualizar possíveis modalidades em que a pesquisa aplicada possa ser desenvolvida:

1º) Pesquisa aplicada no gerenciamento de organizações jornalísticas: destinada a desenvolver novas rotinas de trabalho do jornalista dentro das organizações noticiosas.

2º) Pesquisa aplicada no desenvolvimento de técnicas de apuração jornalística: esta área compreende dois tipos principais: a) Temas envolvendo *Computer-Assisted Reporting* (uso de computadores e Internet para auxiliar no processo de busca, coleta e apuração de informações noticiosas); b) Pesquisas relativas à reportagem jornalística e ao tratamento temático das áreas de cobertura

3º) Pesquisa aplicada na arquitetura da informação: o tema principal desta área é o banco de dados como suporte na atividade jornalística para a construção e gerenciamento de informações jornalísticas.

4º) Pesquisa aplicada no desenvolvimento de novos gêneros, formatos e linguagens dos mídias jornalísticos: investigação sobre os modelos possíveis de gêneros, formatos e textos jornalísticos.

5º) Pesquisa aplicada na definição de estratégias de atuação das organizações jornalísticas: estudo dos processos de definição de novos produtos editoriais para ingresso nos sistemas e mercados de mídia: pesquisas sobre o perfil e preferências do público; formas de adequação entre o produto jornalístico e preferências do público; e crescimento de interatividade entre organização e público.

6º) Pesquisa aplicada no desenvolvimento visual de formatos gráficos e design de jornais: abrange pesquisas sobre o desenvolvimento e implantação de novos projetos



gráficos em empresas jornalísticas, bem como construção de arquiteturas de navegação em *sites* jornalísticos.

Esta tipologia tem uma finalidade basicamente ilustrativa, a fim de apresentar as possibilidades de pesquisa aplicada. Por isso, não é problemático, para os objetivos deste *paper*, haver lacunas ou sobreposições de pesquisa aplicada entre áreas temáticas muito próximas. Em vez disso, esta tipologia pretende indicar áreas que possam ter interesse mais acentuado ao pesquisador em jornalismo. Sua solidez depende de pesquisas bibliográficas e empíricas que façam um mapeamento sistemático das experiências existentes.

3.2) Proposta de um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo

Utilizar pesquisa aplicada para investigar o jornalismo conduz-nos a questionar que tipos de alterações esta perspectiva pode trazer para as etapas da pesquisa. Inicialmente, compartilhamos com Barros (2003, p. 233) que a pesquisa aplicada abre a possibilidade de “formular o problema de pesquisa a partir do dia-a-dia da atividade do comunicador na produção das mensagens”. Marconi e Lakatos (2002, p. 27) esclarecem que a formulação do problema de pesquisa deve estar adequado ao objetivo do trabalho: podemos ter “problema de estudos acadêmicos”, caracterizado por uma abordagem descritiva, de caráter informativo, explicativo ou preditivo, e um “problema de ação”, consistindo em um campo de ação onde determinados conhecimentos sejam aplicados com êxito.

Formular um “problema de ação” em jornalismo significa desenvolver pesquisa aplicada na qual sua construção seja partilhada entre pesquisador e membros do ambiente da atividade jornalística. A formulação do problema pressupõe, então, que as questões relevantes a guiar o pesquisador no seu trabalho respondam a preocupações tanto do pesquisador acadêmico quanto dos atores do mundo profissional. Competirá ao pesquisador tornar as preocupações de ordem prática destes atores, baseadas no senso comum de sua vivência na atividade, em um problema científico.

Lembramos que o desafio deste tipo de investigação é construir um modelo de pesquisa que tenha articulação entre, de um lado, o quadro teórico que fornece os conceitos essenciais à caracterização e definição dos fenômenos e, de outro, os modos de operacionalizar a intervenção do pesquisador na realidade, a fim de produzir uma ação no ambiente. Tal desafio não é apenas operacional, mas remete à dupla concepção



de método como lógica do pensamento científico e como procedimento técnico de investigação.

No primeiro caso, o método indutivo tornou-se lógica dominante na pesquisa descritiva nas ciências sociais e humanas e permitiu que a observação sistemática, controlada e verificada da realidade gerasse um dado científico. Embora, conforme Fernandes, não exista ciência exclusivamente indutiva ou dedutiva: “Todos os esquemas lógicos de formação de inferência envolvem o recurso concomitante à indução e à dedução, embora isso se faça de formas variáveis e em graus também variáveis” (1972, p. 45).

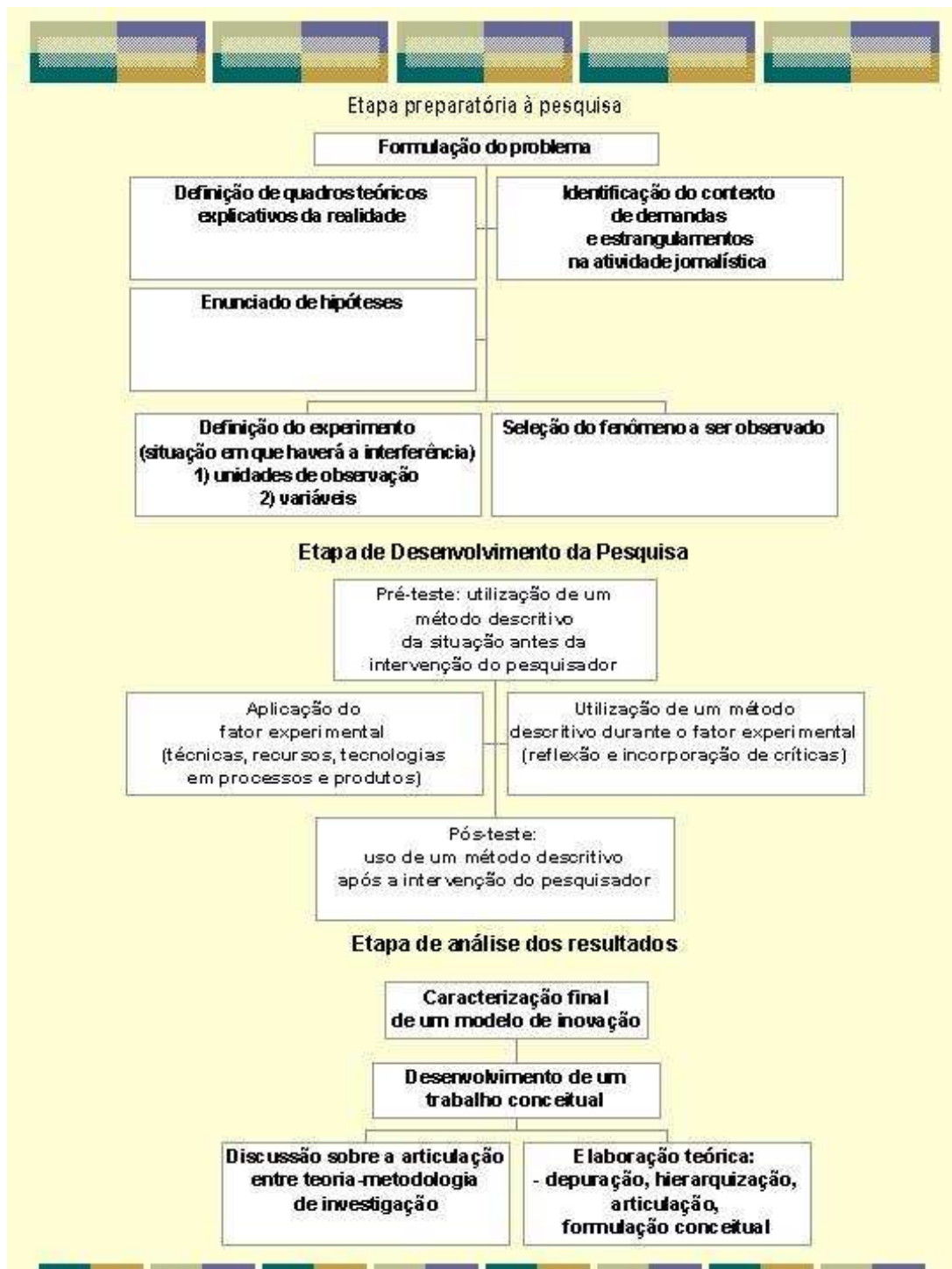
O método indutivo é também a base lógica das pesquisas experimentais. A questão aqui é que, enquanto as ciências da natureza têm um quadro teórico-metodológico mais consolidado no uso da experimentação como fonte de conhecimento científico, as ciências sociais e humanas têm uma tradição de debate interno sobre seus pressupostos, quadros teóricos e métodos lógicos de conhecimento – este, um dos motivos que a fez distanciar-se historicamente do experimentalismo presente na origem destas ciências e introduzir um caráter interpretativo às suas investigações (Chizzotti, 2000, p. 78).

Em conseqüência, os métodos enquanto técnicas de investigação divergem claramente entre as duas ciências, fazendo com que as sociais e humanas rejeitem o caráter positivista dominante nas técnicas de pesquisa experimental. A escolha metodológica resulta de uma articulação entre teoria, método e problema a ser investigado: com quadros teóricos predominantemente interpretativos, como o estruturalismo, a etnometodologia, o materialismo histórico e a hermenêutica, os procedimentos de pesquisa qualitativa tornaram-se os mais usuais.

Partimos da perspectiva de que as pesquisas experimentais não têm, necessariamente, um viés positivista, embora este seja dominante em seu desenvolvimento histórico. Este viés é conseqüência principalmente da hegemonia de um paradigma científico positivista com base em um pressuposto de que este modelo constituísse “um padrão único de pesquisa para todas as ciências” (Chizzotti, 2000, p. 78). Produzir pesquisa aplicada em jornalismo é introduzir uma opção de desenvolver, dentro do campo de estudos do jornalismo, conhecimento científico com características aplicadas (projetos de pesquisa em tecnologia, inovação e desenvolvimento vinculados diretamente a novos processos e produtos jornalísticos) independente de matrizes positivistas que possam dominar campos científicos aplicados, como os tecnológicos.

O esquema abaixo foi construído a partir do modelo de pesquisa experimental apresentado por Rudio (1986, p. 66). Optamos por preservar uma certa generalidade nos seus itens para estimular seu teste posterior em diferentes quadros teórico-metodológicos.

Modelo de pesquisa aplicada em jornalismo



Este modelo não supera, por si, problemas decorrentes da aproximação entre tradições teórico-metodológicas distintas, particularmente de uma construção de um modo de diálogo entre pesquisas qualitativas e pesquisas aplicadas. Ele serve, mais propriamente, como um esquema inicial que possibilita pensar uma montagem articulada de teoria e método em uma proposta de pesquisa aplicada em jornalismo. A partir dele é possível visualizar melhor os pontos de tensão nesta conversão.

Por ser um esquema, ele não elege, *a priori*, um determinado quadro teórico de referência como o mais adequado para a pesquisa aplicada. Entendemos que mesmo teorias de maior teor interpretativo, como a etnometodologia e a hermenêutica, podem ser bases para a construção de um projeto de pesquisa aplicada. Neste caso, porém, o modelo exigirá um grau maior de complexidade na construção de conceitos mediadores entre níveis abstratos e concretos de conhecimento, bem como de categorias analíticas que tornem este conhecimento operativo para um realidade concreta.

Lopes (1994, p. 85-87) indica-nos elementos para superar esta tensão ao refletir sobre o caráter reflexivo da prática da metodologia, entendida em uma dupla dimensão: metodologia da pesquisa (reconstruções metodológicas dos processos de investigação) e metodologia na pesquisa, a qual se constitui como “lógica em ato” que orienta a dinâmica real da investigação. Refletir sobre a metodologia da pesquisa orienta o investigador a avaliar as condições e limites do trabalho científico, particularmente a articulação entre os quadros teóricos, os métodos lógicos do conhecimento e os métodos técnicos de investigação.

Tais questões direcionarão o modo de estruturar a pesquisa, a se realizar no item “Etapa preparatória à pesquisa”. Nesta fase, a formulação de um problema de pesquisa em jornalismo como um “problema de ação” possibilita tanto a identificação do contexto de demandas e estrangulamentos na atividade jornalística e as formas de intervenção do pesquisador no ambiente quanto a definição do experimento (situação em que haverá a interferência para observar a variação de fenômenos).

O fenômeno específico a ser selecionado como objeto do estudo da pesquisa aplicada pode variar desde os processos produtivos no jornalismo até as concepções dos jornalistas a respeito de sua atividade. O fenômeno é o objeto de inovação na pesquisa aplicada. O pesquisador elegerá um ou dois grupos em que o fenômeno se manifesta e, com a intervenção do pesquisador, serão observados os efeitos desta intervenção no ambiente. Caso selecione dois grupos, o pesquisador poderá aplicar sua intervenção em apenas um deles e, desta forma, comparar as diferenças nos resultados. Por exemplo,

trabalhar com dois grupos de repórteres e introduzir para apenas um destes grupos uma inovação no processo de produção jornalística.

A percepção da metodologia como “lógica em ato” se dará, no modelo, com a “Etapa de desenvolvimento da pesquisa”. Nesta, pressupomos serem necessárias fases intermediárias de balanço sobre os resultados parciais, a elaboração de críticas sobre os procedimentos de investigação e sobre a intervenção do fator experimental, possibilitando alterações em cada um destes elementos durante a pesquisa.

Esta fase tem dois procedimentos básicos: o primeiro é a aplicação do fator experimental. O fator experimental é, segundo Rudio (1986, p. 60), o elemento introduzido em uma pesquisa para identificar uma variação entre fenômenos. O fator experimental é a ferramenta de intervenção do pesquisador no ambiente, introduzida e controlada por ele para poder compreender o fenômeno. No caso de uma pesquisa sobre as rotinas de produção em uma organização jornalística, o fator experimental pode ser uma nova tecnologia ou processo na apuração e edição do produto jornalístico, e o fenômeno será constituído pelo subconjunto de práticas (habilidades e técnicas) ou normas, valores e conhecimentos jornalísticos afetados diretamente por esta nova tecnologia ou processo.

O segundo procedimento desta fase é a descrição continuada do desenvolvimento da pesquisa: a) na fase anterior (pré-teste) à aplicação do fator experimental; b) durante a sua aplicação, com reflexão e incorporação de críticas pertinentes à intervenção; e c) na fase posterior à intervenção (pós-teste), para descrever as modificações observadas. É importante salientar que a observação de Lopes (1994) sobre a “lógica em ato” na “metodologia na pesquisa” indica, para a pesquisa aplicada, a necessidade de uma reflexão continuada a ser feita durante o processo de inovação. Nesta fase, as percepções sobre o processo em andamento podem servir para alterar o procedimento de inovação, que será melhor desenvolvido, adequado e qualificado às necessidades da atividade jornalística.

A terceira etapa, de “análise dos resultados”, indica uma preocupação em superar um risco de a pesquisa aplicada tornar-se simples desenvolvimento de produtos ou descrição de seus efeitos no ambiente jornalístico por meio de métodos técnicos de registro de pesquisa. Compartilhamos com Lopes (2004, p. 32) que, além de uma análise descritiva, a pesquisa deve contemplar uma análise interpretativa que envolva “operações de síntese que levam à formação das inferências teóricas e da explicação do objeto, utilizando ‘métodos lógicos’ que são métodos de interpretação”.

O modelo proposto reforça, então, a necessidade de um desenvolvimento conceitual decorrente da experimentação em dois momentos. O primeiro, na forma como a pesquisa contribui para consolidação teórica do campo do jornalismo, por meio da depuração, hierarquização, articulação e formulação conceitual. O segundo momento é a contribuição para a “metodologia da pesquisa” em jornalismo: consolidação de metodologia de construção de saber no interior do campo do jornalismo.

4. Considerações finais

Este *paper* apresentou inicialmente a hipótese de que a adoção de uma metodologia de pesquisa aplicada em jornalismo significa aproximar-se de um modelo de pesquisa experimental. Consideramos que este argumento se confirmou nas discussões levantadas. O modelo apresentado acima, com a introdução de procedimentos de pesquisa experimental, detalha, qualifica e dá maior solidez ao conceito de pesquisa aplicada. Ao mesmo tempo, reforçamos que esta aproximação entre pesquisa aplicada e experimental não é indicado, aqui como caminho exclusivo e necessário para a sistematização desta linha de pesquisa, mas uma proposta de construção metodológica com vistas à consolidação do campo de estudos em jornalismo.

Uma segunda hipótese de trabalho foi a proposição de que a pesquisa aplicada em jornalismo tem sua fundamentação teórica baseada nas teorias clássicas das ciências sociais e humanas. Desta forma, procuramos discutir a possibilidade de que quadros teóricos de referência clássicos nas ciências sociais e humanas sejam considerados pertinentes para a pesquisa aplicada. Entendemos que o modelo apresentado não resolve plenamente este desafio, mas aponta um modo de equacioná-lo. Do contrário, sem este aporte teórico das teorias em jornalismo e também dos estudos em comunicação, corre-se o risco de considerar como pesquisa aplicada quaisquer desenvolvimentos instrumentais aplicados ao jornalismo, enfraquecendo a área como construção disciplinar de conhecimento. Neste aspecto, a construção metodológica própria é um desafio indispensável a ser assumido pelo campo do jornalismo.

Para esta construção ocorrer, são necessárias algumas metas pontuais a serem vencidas pelos pesquisadores da área. Entre elas, podemos destacar:

- 1) Ampliar o grau de conhecimentos, na área, sobre as metodologias e experiências de pesquisa aplicada em jornalismo, a fim de apresentar as possibilidades e limitações de seu uso;



- 2) Constituir um banco de referência bibliográfica nacional e internacional sobre pesquisa aplicada em jornalismo;
- 3) Investigar as formas de pesquisa em inovação no desenvolvimento de novos processos e técnicas de produção jornalística pelo setor produtivo nacional, de forma isolada ou em parceria com instituições de pesquisa;
- 4) Localizar pontos de estrangulamento ou dificuldade de diálogo entre empresa-academia no desenvolvimento de pesquisa aplicada;
- 5) Articular pesquisadores em grupos de pesquisa na investigação e na utilização dos aportes teóricos.

5. Referências

- BARROS, Laan Mendes de. Para que pesquisar? Comunicação: uma ciência social aplicada. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 227-241.
- CHIZZOTTI, Antônio. A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafio. **Revista Portuguesa de Educação**, 16(2). Lisboa: Universidade do Minho, 2003, p. 221-236.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERNANDES, Florestan. **Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- FRANCISCATO, Carlos E. **A Fabricação do Presente – Como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4ª ed. São Paulo, Ed. Atlas, 1992.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol XXVII, nº 1, jan/jun 2004. São Paulo: INTERCOM, 2004, p. 13-39.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação - Formulação de um Modelo Metodológico**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MACHADO, Elias. Dos Estudos sobre o Jornalismo às teorias do Jornalismo (Três Pressupostos para a Consolidação do Jornalismo como Campo de Conhecimento). **e-compós – Revista de Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Ed.1, dez 2004. Disponível na Internet: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Capturado em 14 de fev. 2005.
- MACHADO, Elias. Pesquisa aplicada ao desenvolvimento. **Observatório de Imprensa**. Disponível na Internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=324DAC003>. Capturado em 3 de mar. 2005.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MEDITSCH, Eduardo. Estudos em Jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol XXVII, nº 2, jul/dez 2004. São Paulo: INTERCOM, 2004, p. 93-107.
- RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.



SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa – Projetos para Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.